

Pedro Madruga no teatro galego*

Por. R. CARVALHO CALERO

I

A grande transformação que a política dos Reis Católicos determinou no poder social e político da nobreza nos territórios sujeitos ao governo daqueles monarcas, foi especialmente visível no reino de Galiza, onde nos últimos tempos da Idade Média os magnates viviam praticamente independentes da autoridade real, consagrados a exercitar a sua força sobre os seus indefensos vassallos ou a resolver pelas armas as diferenças que constantemente enfrentavam as casas mais poderosas. Os Reis Católicos, umha vez donos dos recursos necessários para impor a sua política, refreiam a anarquia nobiliária, obtendo a submissão dos rebeldes ou esmagando a sua rebeldia.

Como em Andaluzia o Duque de Medinasidónia e o Marquês de Cádiz foram reduzidos à obediência, e mesmo à colaboração na guerra de Granada, em Galiza dous cavaleiros de aço semelhantes aos daqueles senhores, ainda que de mais rudos modos, como correspondia às circunstâncias históricas e geográficas em que a sua actividade se desenvolvia, constituíram o principal problema para a pacificação do país, e ambos foram aniquilados pela autoridade real, que nom os assimilou para incorporá-los à sua política, como no caso dos grandes andaluzes, senom que os eliminou em canto obstáculos que a ela se opunham.

Hai outras muitas diferenças entre a parelha formada por Enrique de Guzmán e Rodrigo Ponce de León, de umha parte, e Pero Pardo de Cela e Pero Álvarez de Soutomaior por outra. Todos estavam acostumados a campar polos seus respetos sem sujeição prática a autoridade algumha em tempos de Henrique IV; mas, mentres os mencionados senhores andaluzes eram acérrimos inimigos entre si, os galegos nom estavam relacionados por

* Comunicação no Seminário Luso-Galaico de Estudos de Arqueologia, História e Etnologia comemorativo do VII Centenário da Vila de Caminha, o 20 de Setembro de 1984.

umha inimizade constante. O Mariscal no Norte do país, o Conde Caminha no Sul, nom eram chefes de partidos opostos, e ainda que, ao parecer, Pardo de Cela formou parte da liga de nobres que secundando seguramente iniciativas régias, sitiou em Ponte-Vedra a Soutomaior em 1478, entre ambos os Pedros nom houve nunca particular contenda, e estiverom no mesmo campo durante a guerra irmandinha. Os dous eram semelhantes na energia, na belicosidade, na ousadia. Só assi se comprende que atingissem umha popularidade que transcendeu a história e se perpetuou na lenda. A dizer verdade, e em canto nós sabemos, o Pedro do Norte, aureolado pola sua morte na praça de Mondonhedo, conseguiu perpetuar-se na memória do povo e nas páginas da literatura em maior medida que o Pedro do Sul, cuja obscura desaparición longe de Galiza, cando mesmo perdera o seu senhorio de Soutomaior, nom podia impressionar a alma popular na medida em que a impressionou a violenta eliminación do senhor da Frouseira pola justiza real, modernamente interpretada como tirania centralista. Perálvarez, que obsteu títulos de maior resonância, como Conde de Caminha, Visconde de Tui e Mariscal de Baiona —por mui discutidos que fossem—, nom atingiu umha morte tam solene, diríamos tam romántica, e ainda que mais poderoso e de mais rica biografia que o Mariscal de Cela, nom deixou umha esteira tam profunda de lembrança na cultura popular, nem um rasto tam importante na literatura galega. Benito Vicetto fixo Pero Pardo caudilho dos Irmandinhos, contra os que realmente luitou. Leiras Pulpeiro, nas suas cingidas, elípticas e misteriosas cantigas, rendeu-lhe culto de mártir da sua galeguidade. E no drama de Cabanilhas e Vilhar Ponte aparece já decididamente transformado em caudilho nacionalista. Menos fortuna literária tivo don Pedro Álvarez, ainda que as fontes históricas que a el se referem som muito mais copiosas que as que nos informam da vida e feitos de Pero Pardo. Mas é das modestas repercussions que na literatura galega, e concretamente no género teatral, atingiu o Conde de Caminha, do que trata, apenas como superficial precursora de mais amplos estudos, a comunicação que hoje tenho o honor de apresentar à indulgência dos senhores congressistas reunidos para comemorar o VII Centenário do foral do Concelho cujo nome ilustra o brasom de Pedro Madruga. E mesmo esta comunicação, por razons de tempo e espaço, abrange somente as duas primeiras peças, na orde cronológica, que apresentam na cena o senhor de Soutomaior, e nom se estendem à consideração de outras obras dramáticas mais modernas, que só som ocasionalmente mencionadas.

II

Os escritores galegos do Ressurgimento conhecerom a *Relación* de Vasco da Ponte em época temporá, graças à edição de Vicetto, e esta obra é a base da sua visom da personage que nos ocupa. A atitude daqueles autores

perante o Conde de Caminha tinha que ser, em conjunto, favorável, polos mesmos motivos que o foi a sua atitude perante Pero Pardo, mas no caso de Pero Álvarez con maior fundamento histórico. O Mariscal de Cabanilhas é umha vítima do centralismo castelhano. Pode-se admitir que assi fosse, sempre que se acrecente que o centralismo castelhano nom reprimia neste caso umha política de autonomia galega, senom umha política de autonomia senhorial. Atribui-se-lhe a Pero Pardo a defesa dos direitos de dona Joana, filha e herdeira de Henrique IV segundo a última declaração deste príncipe, frente a dona Isabel, irmã do mesmo: o que nom parece fundamentado. Em troca, essa foi a atitude de dom Pedro Álvarez perante o problema sucessório. A sua aliança co Rei de Portugal, prométido esposo de dona Joana, e a sua oposição a dona Isabel, até que se firmou a paz entre portugueses e castelhanos, estão perfeitamente documentadas. As virtudes guerreiras de Caminha, o seu valor pessoal, a sua audácia militar faziam-no simpático e admirável aos galeguistas educados no romantismo ou propensos à organização de um panteom de heróis galegos. Mais adiante, os moços que medraram na oposição ao regime franquista, exaltadores dos valores democráticos, haviam ver nos dous Pedros os tiranos dos homes do comum, os aristocratas opressores do povo, os inimigos dos Irmandinhos. Mas as nossas notas de hoje referem-se a dous textos da primeira etapa, pois se o Conde de Caminha subiu ao palco ultimamente baixo o signo da desmitificação, essas produções cénicas nom vam ser consideradas. Daremos alguma notícia delas, mas centraremos a nossa comunicação sobre duas peças da primeira época, nengumha das quais atinge a importância literária das melhores das que se consagraram a Pero Pardo de Cela.

E ao dizer «da primeira época» quero dizer da época de glorificação dos senhores, sem que isto signifique que as duas obras de referência nom se achem afastadas na data da sua publicação. A mais antiga é de 1897, obra de um epígono do Ressurgimento das letras galegas; a mais moderna, de 1962, obra de um destacado membro da geração *Nós*.

III

João Cuveiro Pinhol naceu na Corunha o 28 de Maio de 1821. Foi funcionário da Fazenda, como Curros Enríquez, López Alonso Cuevillas e outros muitos escritores galegos dos tempos modernos. Destinado em Ponte-Vedra, ficou cessante em 1848, e estabeleceu-se como livreiro. Voltou ao serviço do Estado em 1857, desempenhou o seu cometido em distintas cidades. Em Ponte-Vedra fundou e dirigiu diversas publicações periódicas, e ao longo da sua vida deu ao prelo obras como *El habla gallega* ou o *Diccionario gallego*, que demostram a sua preocupação polo idioma do país. Morreu em Valhadolid o 13 de Maio de 1906.

Em 1897, como folhetom do periódico ponte-vedrês *La Opinión*, publicou-se o seu drama *Pedro Madruga* (1).

É umha peça breve, num só acto, com três cadros e seis cenas. Ao longo destas desenvolvem-se duas tramas de acontecimentos frouxamente relacionadas. Umha destas tramas tem como assunto a guerra de sucessom à morte de Henrique IV. A outra refere-se aos amores de dom Álvaro, filho do Conde, coa que foi a sua mulher, dona Inês Henriques de Monrói. Apesar do título da obra, esta segunda açom, em que o Conde nom tem intervençom relevante, é a mais aparente da peça, em que, se hai algum dinamismo, deve-se à actividade de dom Álvaro, dona Inês e o rival daquel, Joám da Gesta. A açom histórica, ou pública, em que dom Pedro se adiante ao primeiro plano, quase parece contraponto ou pano de fundo da anedota amorosa, e fai-se-nos conhecida através de procedimentos indirectos, mediante relatos e notícias que as personagens nos brindan de acontecimentos que nom se verificam no palco. Cuveiro, que conhecia em linhas gerais a história e a lenda de Pedro Madruga, apresenta-nos o Conde como o descreve Vasco da Ponte, quase coas mesmas palavras em ocasiões. O Vigairo pedáneo da freguesia de Sam Salvador de Soutomaior, que é o lugar da cena, dá-nos umha primeira caracterizaçom indirecta do cavaleiro, favorável, em oposiçom à de Joám da Gesta, que lhe apom o mantimento do costume de poder entrar no seu paço a cachaperna de um vassalo, direito que por outra parte nunca exercera. Logo comparece o Conde co seu acompanhamento, em que figuram o Conde de Altamira e o Mariscal Suero Gómez, assi como o senhor de Andrade, todos os quais som calificados de Adiantados de Galiza, título que na realidade correspondia só ao Chefe da casa de Sarmiento, que nom figura no reparto. Soutomaior pronuncia-se por dona Joana, filha legítima do último rei, na disputa entre esta e a sua tia dona Isabel, e ordena ao seu lugartenente Pedro Veloso (Paio na realidade) que prenda o Bispo de Tui, que se chama na obra Pedro Muros (o dom Diego de Muros da história); dá instruções aos seus companheiros e decide dirigir-se a Vigo para iniciar a guerra. Mais adiante inteiramo-nos por dom Álvaro de que o Conde de Caminha está em retirada e a ponto de reaparecer em Soutomaior. Na última cena, dom Pedro, já de volta, anuncia o final desgraçado da contenda, e, antes de narrar a perda de Ponte-Vedra, fai umha erudita disertaçom sobre as origes da vila. Enfim, co triunfo de Isabel remata o feudalismo, e Madruga, surpreendentemente, nom só se mostra bem resignado a aquel triunfo, senom que manifesta a sua esperança de que a nova rainha realize grandes feitos. Metamorfose que nom se justifica psicologicamente, e descaracteriza o herói, que, na realidade, cede o seu papel

(1) Pedro Madruga/Drama hestórico/n'un auto e tres coadros/en verso/por/Xan Cuveiro Piñol/Pontevedra/Impretna de «La Opinión»/1897.

ou a sua palabra ao erudito ou ao historiador que coñece o reinado da soberana Católica. Recomenda ao seu fillo dom Álvaro que renuncie aos privilexios abusivos e acepta benzoar o matrimonio do mesmo com Inês. Dom Pedro retirará-se logo a Caminha, já mui aleijoado. Todo o que, como é sabido, difere davondo da realidade histórica.

Dom Pedro é, em palabras do Vigairo,
un señor moito mañoso,
moi destro e sabido é,
e nas estrucias da guerra
moi forte e sutil tamén (2);

o que resulta versificación dos conceptos de Vasco da Ponte: «Este Conde era muy mañoso, y muy sutil, y muy sabio, y muy sentido en cosas de guerra» (3).

Segundo tamém essa fonte, evocam-se alguns dos mais famosos feitos de dom Pedro, a quem se apresenta duro cos seus inimigos, como o Bispo de Tui, e benévolo cos seus seguidores. Dom Joám Cuveiro quijo desde logo exaltar umha figura heróica, mas ao próprio tempo quer mostrá-lo prudente e conformista coa interpretación oficial da história de Espanha, o que conduz às incongruências do desenlace.

IV

Ramom Otero Pedraio naceu em Ourense o 5 de Março de 1888. Foi catedrático de Geografía e História em vários Institutos de Ensino Médio, entre eles o da sua cidade natal, e ultimamente de Geografía na Universidade de Santiago de Compostela. Publicou muitos livros. Destacaremos entre os de carácter literário, romances como *Os camiños da vida*, *Arredor de si* e *A romeiría de Xelmírez* e a produçom dramática *A lagarada*. Mui conhecido em Portugal, em cujos congressos científicos e literários soía estar presente, morreu na cidade e casa em que nacera, o 10 de Abril de 1976.

Em diversas ocasióms tem evocado Otero Pedraio a figura do Conde de Caminha. Na sua acreditada *Guía de Galicia*, o escritor ourensao lembra que nom hai muitos anos, ainda se sentia cantar em Ponte-Vedra a letra

Viva la palma, viva la flor.

Viva don Pedro Madruga de Sotomayor (4),

em honor daquel que «es la energía y el gozo en la aventura y la lucha» (5).

(2) *Ob. cit.*, p. 7.

(3) «Relación de algunas casas y linages del Reino de Galicia», en Benito Vicetto, *Historia de Galicia*, tomo VI, Ferrol, 1827, p. 482.

(4) *Guía de Galicia*, 3.^a ed., Vigo, 1954, p. 109.

(5) *Ob. cit.*, p. 307.

O Conde figura coa rúbrica «Iste non precisa de tídoos nin presentación» (6) no elenco das *dramatis personae* da «farsada dramática para lér ou representar en calquer tempo que non sexa o dos Difuntiños» (7) que leva o seguinte longo e arcaizante título:

O desengano do prioiro/ou/o pasamento da alegría/co grande/auto epilodal e xusticieiro/dos fétretos de Florávia/por Don Ramón Otero Pedrayo/Licenciado in utroque/do Gremio e Claustro da Universidade Literaria./veciño de Trasalba de Amoeiro/e da Rúa Nova de Sant-Iago/de Compostela/Fan a Gabanza do autor, Domingo García-Sabell./Avelino Gómez Ledo e Ramón Cabanillas/Ilustrou Xohán Ledo.

A primeira edición, Vigo, 1962, é de «Edicións Monterrey»; a segunda, que é a que aquí manejamos, de «Edicións Castrelos», Vigo, 1976.

Na realidade, non se trata propriamente de unha obra dramática, senom mais bem de unha «sátira menipea», onde se misturan verso e prosa, lirismo e humorismo. Trata-se de satirizar a moderna indústria da feretria, que converteu en obradoiro de ataúdes a alegre capital do vinho do Ribeiro, o mais soado dos vinhos galegos, denominada Florávia na obra do escritor ourensano.

Frei Dom Veremundo de Rebordecham e Formoso, prioiro dos Sanjoanistas de Beade, acompañado do seu mordomo e cachicam de confianza Fortunato dos Vimieiros, alcunhado «O Escasulante», ambos os dous defuntos, tornam ao mundo, por permissom divina, e baixam a Florávia para refrescar cos caldos ribeiraios as gorjas resequidas. Achan a vila transformada. As tabernas som carpintarias funerárias. Umha série de cenas reflecte a nova vida de Florávia, consagrada ao negocio da morte. Balbanera da Costeira, moça do povo, que simboliza a vida, fai que a sua tia, meiga ou bruxa, velha sibila, logre cos seus esconxuros despertar umha lapa na cinza que é todo na vila desque esta vive para a morte. Nessa lapa hai que acender o lume que queime o alcácer de ataúdes que cobre Florávia. Só um home, o que foi «senhor do foro das risas» (8), pode executar a sentença que fulmina os mortos, «a suma das Santas Compañas» (9). Balbanera lhe apresenta o pequeno molho de tojeira que arranca do seu elmo, prende lume à morea de ataúdes que encobre a vila. A cinza vai-se espargendo, e Florávia ressurge na alvorada, regenerada e recobrada para a antiga lediça de viver.

Eis como se descreve a aparición de Pedro Madruga:

«Pedro Madruga, grande bimbastrón de pantasma, ven coberto de fermosa armadura, escura, embazada por o alento da noite; leva no cume do

(6) P. 28 da edición que logo se cita.

(7) P. 22 da edición que logo se cita.

(8) *Ob. cit.*, p. 89.

(9) *Ob. cit.*, p. 97.

elmo un ramo de froles de toxeira, cabalga nun cabalo tamén negro» (10) —aínda que logo lle chame «faco pedrés» (11). O Conde evoca os seus días de disputa cos Sarmiento pola capital do Ribeiro.

Madrugas, Pedro, madrugas,
dixome o Sarmiento un día,
dímoslle bon tento à bota
—inda non amañecía—,
cantaban mozos troveiros
perto das portas da vila:
A frol da Ávia,
palma e amor,
¿será de Sarmiento
ou de Soutomor?
As augas das fontes
tamén preguntaban,
as aves curiosas
seu voar paraban...
As mociñas de Florávia
margaridas desfollaban,
e por que saíra eu
o seu cantar trabucaban,
e ían as follíñas albas
decindo ó ar meu loubor:
Na behetría das mociñas
foi proclamado señor...
¡Viva la palma, viva la flor,
viva, viva Don Pedro Madruga,
Don Pedro Madruga de Soutomaio! (12).

V

Dom Joám Cuveiro evoca o Conde histórico, tal como el o interpreta, ao jeito romântico, ou neo-romântico; figura prestigiosa, caudilho do Sul de Galiza na guerra de sucessom de Henrique IV, senhor fronteiro galego-português, que defende a causa da princesa dona Joana e o seu prometido esposo o rei Afonso V de Portugal. Joám da Gesta apom-lhe que mantém

(10) *Ob. cit.*, p. 92.

(11) *Ob. cit.*, p. 94.

(12) *Ob. cit.*, pp. 92-93. Nom acho na historia que o Soutomaio disputasse Ribadávia ao Sarmiento. As entradas em *Florávia* de Alvaro Páez e de Pedro Álvarez fôrom expediçoms de castigo, seguidas de retirada. Houvo disputas por outros territórios, como Salvaterra, que passou de Sarmiento a Soutomaio.

ominosos usos feudais. O Conde de Cuveiro remata nom só reconhecendo o triunfo de dona Isabel, senom anunciando o fim do feudalismo, e mostrando-se mui disposto a acatar o novo governo, de que espera grandes feitos. Hai, pois, umha transformação da personage, que de algum modo recolhe a realidade histórica da submissão do Conde de Caminha, feitas as pazes entre Portugal e Castela. O Soutomaior de Cuveiro, como vimos, recomenda ao seu filho Álvaro que renuncie aos privilégios senhoriais abusivos, e aceita bençoar o matrimónio do seu herdeiro com Inês Henriques de Monrói, que parece na peça inferior em linhage ao que na realidade era, como filha do cavaleiro Fernando de Monrói, senhor de Belvis, com rendas nas fortalezas de Almaraz e Deleitosa, dotada com dous contos de maravedis.

Assi, entre os actos e as palavras do Conde que se realizam ou pronunciam em cena, de umha banda, e de outra, a caracterização indirecta do mesmo que resulta da conversa entre o Vigairo pedáneo da freguesia de Sam Salvador de Soutomaior e o vilao Joam da Gesta, sustida na cena II do único acto da peça, no campo da feira que se celebra o 10 de cada mês naquela parróquia, fica traçado, de modo mui esquemático, o perfil literário do Conde de Caminha tal como dom Joám Cuveiro o concebe.

Canto à «farsada dramática» de Otero Pedraio, temos visto que é o fantasma do Conde o que tira à cena. Aqui, Pedro Madruga é um aparecido. Só el, evocado do além, pode devolver a Florávia a sua alegria, queimando a mercadoria mortuória que ensombrece a vida na capital do Ribeiro. A figura de dom Pedro é mitificada pola sua grande vitalidade, pola sua força irónica e o seu amor à aventura arriscada.

Nengumha das obras examinadas tem um valor fundamental na história do teatro galego. A de Cuveiro é umha peça de erudito, a de Otero umha fantasia arbitraria. Se aquela carece de pulo, esta resente-se de desorde. Pedro Madruga nom conseguiu ver-se reflexado num drama da qualidade de *O Mariscal*, no qual Cavanilhas plasmou com grande vigor poético a figura de Pero Pardo. Como quer que seja, a todos os galego-portugueses interessa —deve interessar— a projecção nas letras galegas —neste caso o teatro entre determinados limites cronológicos— da personalidade deste poderoso e turbulento galego-português. Por isso consagramos as páginas que se acaba de ler a um aspecto da fortuna literária do Conde de Caminha, pensando que nom estarám de mais num colóquio que em Caminha se celebra.

Fica dito que escritores mais novos que os que nos ocuparam, se interessaram tamém pola figura de Pedro Madruga, visto deste outras perspectivas, mas nom temos notícia de que todas as versons teatrais chegassem a imprimir-se. Na sua memória de Licenciatura, dirigida por mim, e apresentada na Faculdade de Filologia no curso 1980-1981, dom Joám Verdini Deus menciona o drama histórico *Pedro Madruga*, de Daniel Cortezón, e o titulado *Erros e ferros de Pedro Madruga* (1972), de Manuel Lourenzo, estreado o 5 de Agosto do mesmo ano em Castro de Ouro, Alfoz (Lugo), e acrecenta que em Setembro de 1980 o grupo corunhês *Troula* se dispunha a es-

trear no festival de Sitges, que havia começar o 24 de Outubro, um espectáculo titulado *Pedro Madruga, conde de Caminha, senhor de Soutomaior*, sobre um texto de Miguel Gato e música de Joám Pinhom (13). Dados cos que remata esta comunicación sobre Pedro Madruga no teatro galego.

(13) *Ob. cit.*, p. 373. Destas obras so conocemos como impressa a de Daniel Cortezón: *Pedro Madruga, representación histórica*, Ediciós do Castro, Sada - A Corunha, 1981.